

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Maio de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 24

Um grande trabalho Ainda a Lavoura

Estamos em plena época de sementeira de milhos. Os terrenos de sequeiro já vão lavrados; os outros esperam pelo mês, que agora entra.

E como estamos em plena época de sementeira de milhos, é bom olharmos para o problema das regas.

Em Melgaço, temos várias freguesias, em que a água não abunda.

O imperativo do nosso trabalho é, no entanto, produzir mais.

Temos que levar as terras a produzir mais.

Ora nós pensamos em que é tempo de olharmos de frente para o problema das regas das nossas propriedades.

Precisamos de mais água, de muita água, de toda quanta a natureza nos puder dar.

Algumas freguesias, por iniciativa particular, já levaram a cabo a construção de boas represas, junto dos regatos, para irrigação das suas terras.

É digno de nota o que se tem feito e vai fazendo em Castro Laboreiro, neste particular.

Em Chaviães, já há bastante tempo, que se pensa na construção duma grande represa para os lados do Cótaro, se não estamos em erro.

Não sabemos por que, essa obra, para a qual se esperava a participação do Estado, ainda não começou. E é pena.

Chaviães é uma freguesia que produz pouco, por falta de águas. Parece que também em Couso se pensa numa outra represa para irrigação das terras, mas não sabemos em que pontos está o trabalho ou o desejo daqueles nossos conterrâneos.

O que é certo é que todas as freguesias deviam estudar a sério o problema da irrigação das suas terras, com represas, poços, levadas e minas.

É preciso que as juntas de freguesia iniciem esse trabalho.

Certamente que o nosso Grémio daria informes, al-

vires, e varia até cá algum técnico de águas.

Esse técnico estudaria as possibilidades de captação de águas em minas, represas ou poços, nas terras de quem o desejasse e bom era que fosse em todas as freguesias.

O próprio Governo, se não estamos em erro, subsidia estes trabalhos de pesquisa de águas.

Seja como for, o certo é que era a altura de irmos pensando mais uma vez nesta questão das águas.

Uma das graves razões por que a nossa terra se recusa a dar o que lhe pedimos, é precisamente esta.

E no entanto era muito mais fácil encontrá-la do que alguns supõem:

— Vamos então a isto?

Laicização das Misericórdias

«O assunto já aqui foi tratado pelo nosso querido Director, mas nunca chegaremos a exprimir assazmente e amargamente a amargura dos católicos portugueses pelas tentativas de laicização das Misericórdias intentada pela Direcção Geral de Assistência.

Na semana passada, a assembleia geral da Santa Casa da Misericórdia do Porto foi dominada pelo espectro dessa ameaça que não sabemos como seria mais jacobina se doutros políticos procedesse.

O inconcebível, o inaceitável apresenta-se com uma importância que magoa e indigna.

Ocupando-se deste assunto em tal assembleia, o Sr. Dr. José Fortes analisou e criticou pelas suas anomalias o Modelo de Compromisso dimanado da D. G. A. e disse:

Tal documento nega, atraíçoa, o espírito da Santa Casa, promovendo a lai-

(Continua na 4.ª página)

Chegaram finalmente as chuvas. Tivemos, é certo, de recolher um pouco a nossas casas, mas enfim... as chuvas vieram ainda a tempo, Deus louvado.

O nosso país estava seriamente ameaçado e já no estrangeiro havia graves apreensões a nosso respeito. O encarregado americano do plano Marshall para a Europa, afirmava ainda há pouco: — «o futuro da França afigura-se satisfatório, desde que chova, mas em Portugal a situação é mais grave».

No geral, ainda veio a tempo, para os nossos lavradores do Minho. E graças a Deus!

NA MESMA...

Continuam os lavradores na sua árdua tarefa, porventura a mais pesada, de lavar as suas terras.

Fomos buscar o mesmo arado, a mesma grade, as mesmas enxadas, os mesmos carros... E assim continuamos em pleno século vinte, com métodos bastante atrezados.

A terra não nos dá o que devia. Nós é que lhe damos um grande trabalho, penoso e exaustivo.

Falta-nos a assistência técnica às nossas terras, para que todas elas fossem convenientemente examinadas e cultivadas, segundo os métodos de melhor eficiência.

E não temos aquela assistência financeira, que há em vários países. Para comprar adubos, era preciso ter dinheiro e a pequena lavoura nem sempre dispõe de capitais.

Continuemos a agrupar-nos, a unir-nos, a trabalhar. Sem união não há força. Estudemos os nossos problemas e juntos, vamos até o fim.

Porque há muito a fazer neste capítulo da lavoura. — Mas já faltou mais.

NA ITÁLIA

Segundo informações da imprensa, a Itália importou 20.000 toneladas dos

famosos «milhos híbridos» de grandes rendimentos e cuja cultura está a ensaiar-se no nosso país.

Até aqui, pouco, talvez, a interessar. Mas o que na verdade interessa é que o Governo vendeu aos lavradores essas 20.000 toneladas, por preço inferior ao custo na América.

O Ministério da Agricultura suportou o pesado encargo daí resultante. E notemos que se trata duma nação, que, ainda há pouco, saiu esgotada da guerra.

Temos de olhar para a Lavoura.

EM PORTUGAL

O Sr. Ministro da Economia declarou, em recente discurso, que ia intensificar os seus esforços, no sentido de descobrir, para alguns dos produtos

da nossa lavoura, mercados estrangeiros.

É uma boa grande notícia.

Temos a impressão de que as nossas embaixadas, no estrangeiro, esquecem bastante este sector nacional, o sector da produção.

Outros países, nas suas embaixadas, mantêm pessoal habilitado e cuidadoso e próprio, a tratar destes assuntos de verdadeiro interesse social e económico das suas nações.

Em Portugal, precisamos duma lavoura mais organizada, mais unida; duma lavoura que estudasse e resolvesse os seus problemas, ajudada pelos serviços respectivos do Governo e precisavamos duma mais alta e permanente colaboração entre o órgão supremo da Lavoura.

(Continua na 3.ª página)

Arcebispo Primaz

No próximo dia tres de Maio encontra-se entre nós S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, que vem dar posse à Direcção da Liga Escolar Católica, de que fazem parte os senhores Professores e Professoras do nosso concelho e também à Direcção Regional da Liga Agrária Católica Feminina.

Da parte de manhã, na matriz da vila, será a santa missa celebrada por Sua Ex.cia Rev.ma, às dez horas. Haverá alocução, posse das Direcções, imposição de emblemas e juramento.

De tarde, às 15 horas tem lugar uma sessão de estudo, em que falam os Srs. Delegado Escolar de Melgaço, como Presidente da Liga Escolar Católica do concelho, a S. Dra D. Maria Manuela, de Penso, como Presidente da Liga Agrária Católica, o Ex.c.mo Arcebispo, Cônego Dr. Lourenço Insuaes, Professor do Seminário Maior de Braga e Sua Ex.cia Rev.ma.

A sessão solene, que estava marcada para esta data, ficou adiada para Outubro, em virtude de o Orfeão dos Teólogos de Tuy não poderem vir.

Damos os nossos parabéns aos Senhores professores, pelo grande exemplo de cristianismo vivo com que mais uma vez honram o seu concelho, pois está ainda na memória de todos o que foi a valiosíssima participação do ilustre Professorado de Melgaço no Congresso Eucarístico.

Também à ilustre Direcção Regional da Liga Agrária Feminina, de que fazem parte as Ex.mas Senhoras Doutora D. Maria Manuela, Professora D. Maria Fernanda Pinto Coelho, e D. Maria Teresa Carabel, os nossos mais vivos parabéns e fazemos votos ardentes ao Céu por que o trabalho de apostolado de todos estes sectores seja cada vez mais fecundo e agradável a Cristo Rei.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Como é de tradição, realizou-se nos pretéritos dias 17 e 18 a visita Pascal, que decorreu com a maior alegria em todo o concelho de Melgaço. É certo que no dia 18 choveu bastante, mas, como a chuva está a fazer muita falta, este facto não destoou.

— Pelo sr. Ministro das Obras Públicas, foi concedida à Comissão Fabricadora da Igreja Matriz de Castro Laboreiro a com participação de esc. 50.250\$00, provenientes do Fundo de Desemprego, para reparação da referida igreja.

Nossos parabéns.

— Na Matriz desta vila realizou-se, de 4 a 11 do corrente, uma série de sermões, sempre com grande concorrência de fiéis.

Foi orador o rev. P.e Manuel de S. José, das Congregações dos Passionistas.

— Também na mesma Igreja e no dia 10 se procedeu a arrematação do tradicional «Ramo da Honra». Apenas rendeu 60\$00 e foi adjudicado pelo nosso amigo António de Jesus Merim e dois outros indivíduos cujo nome nos não ocorre.

— Pelo sr. Manuel Alves, das Adeegas, foi tomado de trespasse o talho sito na Praça da República e que pertencia ao sr. António Augusto do Paço.

— Foi ao Brasil, afim de tratar de assuntos de sua casa, o nosso estimado amigo sr. Artur Pires Teixeira, conceituado comerciante desta praça.

— Também no dia 19 partiu para Lourenço Marques a sr.a Violeta de Castro Gonçalves, da vizinha freguesia de Prado.

A ambos desejamos muito boa viagem.

— No vetusto convento de Paderne, celebrou-se no passado dia 12 o enlace matrimonial da sr.ª D. Dulcea Nôvoas Gonçalves, com o sr. professor Manuel Luís de Pinho Gonçalves, muito digno vice-presidente do nosso Município.

Aos recém casados deseja «A Voz de Melgaço» muitas felicidades.

— Quando na manhã do dia 16, uma caminheta pertencente a um tal Mônica, de Valença, descia a estrada nova com um atrelado, ao chegar pelas alturas de Pomares este desatrelou se, voltando-se

e cuspiendo o carregador António Alves da Silva, de 42 anos de idade, natural de Feijozes, Vila do Conde, que no mesmo seguia.

Da queda resultou o Silva ficar com várias contusões, pelo que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia deste concelho, onde ficou internado.

— Também no dia 17 do corrente, quando Abílio Alves, casado, de 27 anos, do lugar da Costa, freguesia da Gave, procedia à limpeza de uma pistola, esta disparou-se tendo a carga ido alojar-se na região abdominal. Conduzido ao referido Hospital teve dali ficar internado por o seu estado ser de certa gravidade.

A ambos desejamos rápido e completo restabelecimento.

— No passado dia 19, realizou-se na risonha freguesia de Penso a tradicional festividade em honra de N. Senhora da Cabeça.

Dizem os que lá foram que constou de missa solene a grande instrumental, sermão e procissão, que foi abrilhantada pela filarmónica de Riba de Moura (a do Manco), e que esteve regularmente concorrida.

O tempo é que esteve assim de modo tem-te não caias...

— Os preços dos principais géneros expostos no mercado semanal de 16 do corrente eram os seguintes:

Milho, alqueire (30 litros), 68\$00; centeio, idem 90\$00; feijão branco, 12 quarto (5 litros) 16\$00; feijão mistura, idem 15\$00; feijão frade, idem 12\$00; batatas para semente, quilo 2\$80; cebolas, idem 1\$50; galinhas, 25\$00; ovos, dúzia 8\$50. Parece que não houve peixe; mas foi melhor assim; pois é público e notório que este tem chegado em verdadeiro estado de putrefacção e impróprio para consumo.

— Vieram muitas pessoas afim de passarem as festas da Páscoa com as suas famílias.

Não nos é possível dar uma nota dos seus nomes.

— Já nos ia esquecendo de informar os nossos respeitáveis leitores que no pretérito dia 13 fomos mimoseados com uma remessa de sardinha fresca. Registamos este aconte-

cimento por ser a primeira vez este ano que aquele precioso pescado nos visita.

Venderam-se a 4\$00 a dúzia, preço que não achamos elevado para peixe tão raro.

— As recentes chuvas vieram beneficiar muitíssimo as culturas, pelo que estas, especialmente os centeios, já se apresentam com um aspecto mais agradável.

— Para concluir, lembremos aos interessados que em Maio os industriais do grupo C fazem reclamações contra o volume das transcrições fixado pela comissão das freguesias. Até 15 também se apresentam certidões do estado da causa nas reclamações dos impostos sobre aplicações de capitais, para averbamento dos manifestos litigiosos, sob pena de multa igual ao imposto.

Também lembramos que continua excelente a ocasião, principalmente no crescente da lua (de 5 a 12) para se semear: abobaras, alfaces, cenouras, couves diversas incluindo couve-flor e bróculos, feijões, melões, pepinos, rabanetes, salsa, etc. Continua a plantação da batata nas terras de regadio e as sementeiras de milho.

Lembramos ainda que não se descuidem com o tratamento dos vinhos.

Tenham sempre à mão um antifermento em condições afim de os rebuscarem e não estarmos sujeitos a beber uma zurrapa indecente como veridial.

Semeia e cria, viveras com alegria.

— Nos dias 23 e 24, teve lugar na capela de N. Senhora de Fátima da Portela e do Facho um curso-retiro para a J. A. C. do concelho, que foi dirigido por Fr. Leão do Sacramento.

— Já regressou do Porto, aonde se submeteu a uma operação, que felizmente correu bem, o nosso bom Amigo, sr. Tenente Lopes, dig. Comandante da Legião.

— Também regressou do Porto, acompanhada de seus estremos Pais, o sr. Dr. Júlio Esteves e D. Luísa Esteves, a menina Maria Filomena, que num dos hospitais da cidade se sujeitou a uma

operação, que decorreu sem gravidade.

— A seu pedido, foi transferido para Lisboa o sr. Abel Costa, muito digno 2.º sargento da Guarda Fiscal.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

— Da cidade do Porto, onde se encontrava em tratamento, regressou a esta vila, completamente restabelecido, o nosso amigo sr. António do Paço, motorista da Auto Viação Melgaço Lim. da, com que muito nos regosijamos.

— Continua a sentir-se a escassês da batata. As poucas que aparecem vendem nas por especial favor e ao preço de 3\$00 o quilo. É um escândalo.

É dizemos que é um escândalo pela simples razão de a batata que está a ser importada de França, depois de pagar transportes, direitos alfandegários, etc. etc., está a vender-se em Lisboa e Porto ao preço de 1\$60 o quilo.

Repetimos: a batata a 3\$00 o quilo, como se tem vendido aqui em Melgaço, é um escândalo.

Rouças, 23

Como de costume e com toda a imponência, fez-se nesta freguesia a visita pascal. Não faltou o fogo e em alguns lugares a música da terra.

Houve muita ordem e muita alegria.

— Finalmente e já não era sem tempo, foi inaugurado o nosso relógio da torre, que se tem portado muito bem, por agora.

A sua inauguração só teve lugar no dia 11, porque o técnico encarregado de o montar veio tarde de Lisboa.

— Caiu já alguma chuva que muito veio beneficiar os nossos campos.

— Seguem as lavradas, o que deu um pouco mais de procura ao vinho da região, que neste ano, por falta de receitas abundantes e de certa altura de preços, vai mais economizado.

— Foi no dia 18 baptizado um menino do nosso amigo Sr. Manuel Augusto Lourenço da Picota, a quem foi posto o nome de Manuel Vasco.

— Esteve entre nós durante alguns dias e partiu hoje para Madrid o nosso

bom Amigo e assinante Sr. Armando de Oliveira, de Surribas. Desejamos-lhe boa viagem.

— Chegaram de Lisboa alguns rapazes que ali foram procurar trabalho e não o encontraram.

Gave, 20

Depois de cinco meses de silêncio nas colunas do nosso querido quinzenário, silêncio este que podemos atribuir a motivos quase injustificáveis, voltamos de novo a aparecer com a mesma cara, porque não nos envergonhamos nem recamos de nos colocarmos perante as puras realidades donde muitas vezes surgem adversidades devido a haver mal entendidos.

Essas adversidades é natural encontrá-las em pessoas personalistas...

Depois deste longo silêncio, caro leitor, que novidades tenho a contar-te?

— Que já retiraram de novo para a França alguns indivíduos que tinham chegado a esta terra no Natal. Feliz viagem e boa sorte.

— Que já principiaram alguns trabalhos no batalha da Aveleira e redondezas.

— Que morreu, ultimamente, de morte repentina, o sr. Justino Domingues do Val. A família enviamos-lhe o cartão de sentidos pesames. Paz à sua alma.

— Que, no dia 17 p. p. dia de Páscoa, Abílio Alves de 27 anos de idade foi alvejado por uma bala de pistola, quando se entretinha com ela. Foi conduzido imediatamente ao Hospital da Misericórdia da vila onde ficou internado. O estado é melindroso.

— Que veio a chuva benfazeja tanto esperada pelos lavradores que desejavam fazer as suas sementeiras. Deus ouviu-os.

— Que as árvores frutíferas apresentam uma prematura colheita abundantíssima.

— Que a vinha por enquanto, vai optima. Nasce muito.

— É bem certo: Abril ou no princípio ou no fim é ruim. — C.

Os chefes comunistas Ainda a

Noticiaram os jornais que foram presos no nosso país dois chefes comunistas portugueses num dos palacetes do Luso.

Temos o dever de lamentar que ainda antes de terem o mando à sua disposição, já os primeiros elementos do comunismo vissemem num palacete.

Tratando-se dum regime que quer a igualdade para todos, ir já viver num palacete, quando tantos vivem em tugúrios e mansardas é cinismo que nos revoltava.

Cristo pregou nos outra igualdade, ensinando nos a rezar ao seu Pai:—Pai nosso que estais no Céu.

Mas nasceu numa gruta, viveu pobre e morreu no alto duma Cruz.

Os grandes reformadores sociais do catolicismo, os santos que se dedicaram a esse trabalho, não escolhem palacetes, S. Francisco de Assis por ex. Aqueles que nos querem convencer de que o comunismo em Portugal é o pação, é uma mentira que nada vale, pedimos vejamos as duras e tristes realidades:

«A Polícia Internacional e Defesa do Estado, numa intensa actividade, tem procurado compensar a quasi inactividade a que a forçou o período de propaganda eleitoral, durante o qual o Partido Comunista Português, infiltrado e dominando as fileiras da Oposição, atingiu liberdade de expansão e movimentos.

Após o cerco ao palacete do Luso, prisão do secretário geral Dr. Alvaro Cunhal e apreensão de quasi todo o arquivo, a polícia continuou as suas diligências e, na madrugada de 9 de Abril, cercou em Coimbra, a 23 quilómetros de Leiria, uma casa onde estavam a ares — segundo se dizia na região — dois homens e duas raparigas que eram nem mais nem menos que os encarregados da propaganda — redactores, compositores e impressores dos órgãos comunistas «Avante» e «Militante».

No acto da apreensão estava-se ultimando a tiragem do número 134 do «Avante», correspondente à segunda quinzena de Março, tendo sido presos na citada casa dois funcionários, do «Partido Comunista» e duas «companheiras» que foram identificadas como sendo, José Augusto da Silva Martins, de 35 anos, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, que passou à ilegalidade voluntariamente em 1943.

Em princípios de 1945

tinha sido já assinalada a sua presença no sector de Lisboa, onde, com o pseudónimo de «Crespo» era o responsável pelo «aparrelho» de agitação de propaganda. Em fins de 1945 quando da apreensão de uma outra tipografia clandestina em Alvaizere, conseguiu fugir. No congresso ilegal do chamado «Partido Comunista Português» em 1946, foi eleito membro substituto do «Comité Central», continuando como responsável da tipografia do «Avante» e do «Militante» adoptando ultimamente o pseudónimo de «Alves»; António Eusébio Bastos Lopes, de 24 anos, carpinteiro mecânico, que passou voluntariamente à legalidade em 1945.

Companha e imprensa o «Avante» e o «Militante» e todas as outras publicações de propaganda subversiva, usando o pseudónimo de «José».

As companheiras também presas, colaboravam em todos os trabalhos de composição, impressão e distribuição dos jornais e restante material de propaganda. Uma chamase Casimira da Conceição Silva, costureira, negando-se a outra a dar a sua identidade pelo que se procede às necessárias averiguações.

Entre a papelada que a polícia apreendeu no palacete do Luso, onde o dr. Alvaro Cunhal tinha instalado o quartel geral das suas actividades clandestinas e subversivas, foi apreendido um ficheiro com milhares de nomes de pessoas conhecidas nas mais diversas actividades nacionalistas.

Grande parte desse ficheiro tem o titulo sugestivo: «As cem famílias portuguesas que dominam Portugal e fazem a miséria do povo».

Ali estão as biografias completas, sob os aspectos político e financeiro, dos maiores nomes do nosso mundo dos negócios, das finanças e da industria, com as ligações de parentesco entre si, propriedades que possuem, lugares em Bancos e Compañias, de que dispõe cada família e o capital e influencia que manejam.

Na tipografia clandestina de Coimbra, que a Polícia agora assaltou, foi também apreendida a quantidade de dezanove mil escudos, estando agora a Polícia interessada em investigar a sua proveniência.

..

Oferece interesse espe-

cial transcrever uma das passagens mais significativas de um artigo intitulado *O povo português não pegará em armas contra a URSS e o Exército Vermelho*, incluído na 1.ª página do 134 do «Avante», a cuja edição se estava a proceder, e que foi apreendida.

Esse artigo vem acompanhado da fotografia de Vichinsk e a passagem a que aludimos é a seguinte: «Na eventualidade de guerra, o povo português não pegaria em armas para combater o Exército soviético. (Isto porque a participação de Portugal nessa guerra, ao lado dos imperialistas, seria contrária aos interesses do povo português e da independência nacional). O povo português considera a URSS e as democracias populares como os seus grandes aliados e intensificará a luta para desalojar do poder o governo fascista de traição nacional de Salazar».

Nesse mesmo número insiste-se, em parangona, por que não se dissolvam as comissões eleitorais da Oposição.

Sempre se disse e cada vez mais se confirma a influencia comunista na Oposição.

..

Em carta de Lisboa o «A. B. C.», de Madrid comenta as prisões de comunistas efectuadas em Portugal e diz:

«Se muitos dos homens que combatem Salazar e jogam com vários baralhos pudessem debruçar-se sobre o impressionante ficheiro (que a F. I. D. E. apreendeu na tipografia clandestina de Coimbra) é bem possível que empalhessem e logo tirassem da carteira todo o seu dinheiro para auxiliar o Estado.

Revela depois que «Alvaro Cunhal formara uma lunia ofensiva triangular, cujos outros dois angulos eram dominados pela Pasionária e por Lister: Toulouse-Argel-Lisboa. De Toulouse saem as instruções de Moscovo para Argel e os técnicos de sabotagens para Barcelona e Lisboa. Cunhal, homem da suprema confiança dos altos mandatários do Partido comunista Ibérico, com sede em Argel, era o chefe do «Comando» de acção hispano-português. E de Tanger, quartel general do «Kominform» para a França, para a Espanha e para Portugal, recebia, enfim, da Pasionária a documentação necessária».

De «A Ordem»

A posse de Sua Ex.ª o Marechal Carmona

Em 20 de Abril dirigiu-se à Assembleia Nacional, a fins de prestar juramento do seu novo mandato presidencial, o Sr. Marechal Carmona que, pela quarta vez, foi reeleito Presidente da República.

Seguiu Sua Ex.ª para a Assembleia por entre aclamações vibrantes do povo e a saudação marcial das tropas que se perfilaram desde o palácio de Belém até ao de S. Bento, onde funcionou a Assembleia Nacional.

O Sr. Marechal Carmona dirigiu uma saudação à Assembleia, depois de haver feito o juramento constitucional, a que respondeu, em nome dos deputados, o Dr. José Soares da Fonseca. O país olha respeitosamente para o venerando ancião, a quem confiou por eleição de 13 de Fevereiro a chefia suprema da Nação, e fazemos votos por que estes sete anos de Seu mandato sejam de ordem e, portanto, de paz e de felicidade.

Também o nosso modesto quinquenário grita jubilosamente: — Viva o Sr. Marechal Carmona.

estude e resolva este problema. Já era tempo!

estude e resolva este problema. Já era tempo!

estude e resolva este problema. Já era tempo!

estude e resolva este problema. Já era tempo!

estude e resolva este problema. Já era tempo!

estude e resolva este problema. Já era tempo!

(Continuação da 1.ª pág.)

ra a criar e os serviços do Governo.

Sabemos que a Alemanha, ainda hoje debaixo do jugo de várias nações, já está a exportar batata.

Outras, como por ex. a Noruega já há muito a está a exportar. E nós, que não entramos na guerra, ainda vamos tão atrazados...

Urge encarar de frente o problema agrário, a Lavoura e o Governo.

PORQUE É ISTO?

O Diário do Governo publicou um a portaria, nomeando uma comissão para estudar a maneira de se resolver a crise da cortiça, por que aquela industria está a passar.

Achamos muito bem! Mas parece-nos que também se devia estudar a sério o problema, por ex. das carnes.

Os gados de certa idade vão compensando. Os outros, mais velhos, não se vendem em proporção.

E as carnes dos talhos vão altas de preço, sem proporção justa com o custo de venda dos gados.

Os gados são uma pequena riqueza do nosso lavrador. Do proprietário e do caseiro.

Têm ali o seu governo diário.

Porque não olhamos para este problema?

Porque não se cria também uma Comissão que

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanificio para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transações.

Laicização das Misericórdias

(Continuação da 1.ª pag.)

Laicização dessas instituições, numa maneira insólita, além de lhes tirar a gerência e administração do que é legitimamente delas.

Os Irmãos, se tal modelo vingasse, ficariam constituindo apenas uma Confraria consagrada ao culto, podendo reunir na Sala do Despacho por generosa concessão da Administração da Misericórdia — que formaria outra instituição, dirigida pela D. G. A., não com irmãos mas com sócios que pagariam cota. Tal propósito é inaceitável, offendendo altamente as tradições das Misericórdias a sua estrutura espiritual — o seu carácter religioso cristão-católico.

Por seu turno, o muito distinto advogado Dr. Alberto Pires de Lima afirmou que os irmãos não podem passar a ser sócios, e mostrou o ilogismo do modelo criticado e declarou que em tal matéria, nunca nenhum dos Governos saídos da Revolução de 1910, a despeito da sua índole demagógica, tentou ou pensou sequer atentar contra a estrutura espiritual da Misericórdia. É estranho, por isso, que nesta emergência, em que o Estado afirma por actos o seu respeito pela religião católica, uma Direcção Geral queira atentar contra a natureza espiritual duma instituição secular e respeitabilíssima.

Esperamos que o Governo ponha cobro a mais esta violência contra os católicos e não queremos acreditar que a repetirem-se, estes e outros casos, hajam os católicos de atreperem-se do apoio que nas horas decisivas tem dado ao regime.

É preciso que se ponderem que os católicos tem direitos. Este é um deles e por ele nos bateremos enquanto nos deixarem.

de «A Ordem»

Concordamos plenamente com o pensamento do jornal «A Ordem», e fazemos votos por que estes atritos se desvançam com o melhor espírito de boa vontade.

Que o Estado ajude financeiramente as Misericórdias dando-lhes mais largamente do que até agora, substanciais ajudas; que fiscalize a sua aplicação, se o entender admissíveis.

Que ele crie obras de Assistência próprias suas, embora caríssimas, pelas enormes despesas de funcionalismo e empregados, achamos justo, mas aquilo que a Igreja criou e manteve com tanta beleza através dos séculos, não apoiámos nem acertamos que lhe toque.



XII Rectificação de limites paroquiais

VILA, ROUÇAS, S. PAIO, PADERNE E ALVAREDO

Por várias vezes me tenho referido a limites das freguesias do nosso concelho.

Os povos de nossos dias nem sempre são tão cuidadosos como em outros tempos em reconhecer e avivar os limites de suas freguesias. Em minha secção vou arquivando quanto consigo averiguar a tal respeito para transmitir aos vindouros.

O assunto de hoje não é no para muitos leitores. Limito-me a transcrever a sentença de Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz no processo n.º 11948 «Autos de Rectificação de limites de várias paróquias do arcebispo de Melgaço».

Trata-se, claro está, da paróquia na sua organização religiosa.

Reso assim a sentença:

«In nomine Domini, Amen. Vistos os presentes autos, mostra-se: a) que os Reverendos Párocos de Santa Marinha de Rouças, Santa Maria da Porta da Vila de Melgaço, D. Salvador de Paderne, S. Paio de Melgaço e S. Martinho de Alvaredo, todos do arcebispo de Melgaço, requereram de comum acordo uma rectificação de limites das suas freguesias; b) que a proposta de rectificação concorre para melhorar a eficiência do serviço religioso das freguesias e a comodidade dos povos, sem alterar sensivelmente a congrua sustentação dos Párocos respectivos; c) que os povos interessados concordam geralmente com a rectificação proposta e requerida; d) que a rectificação referida compreende o desmembramento de lugares das freguesias e incorporação noutras, de que são meeiros, menos dois que são Crujeiras e Rio do Porto; e) que a operação proposta cabe dentro das faculdades ordinárias contidas nos c.ºs. 216 e 1427; f) que foi ouvido o Mito Reverendo Dr. Promotor assim como o Cabido da Sé Catedral. O que tudo visto e ponderado, havemos por bem, anuindo ao pedido dos referidos Reverendos Párocos: 1) desmembrar da freguesia de Santa Marinha de Rouças os lugares de Crujeiras e Rio do Porto, e incorporar-los na freguesia de Santa Maria da Porta da Vila de Melgaço, tendo o primeiro dois fogos e sete habitantes e o segundo treze fogos e sessenta e cinco habitantes e rendendo ambos anualmente cerca de duzentos escudos, passando os limites entre as duas freguesias a ser determinados, nos ditos lugares, por uma linha que vai da levada que sai da Presa de Crujeiras, de baixo do lugar do Fecho, da mesma freguesia de Rouças, e que segue até ao regato de S. I.º ourenço, e, do norte do citado lugar do Fecho, até ao regato do Rio do Porto, pela estrada Nacional, que segue para Lamas do Moura, até à confluência com a estrada particular da Quinta

de Eiró, e, desta confluência até ao pontilhão de Eiró, em linha recta pelo meio das propriedades, passando ao poente da casa dos casellos de Carvalho Lobo, e ficando desta maneira todo o lugar de Crujeiras e de Rio do Porto a pertencer à mencionada freguesia de Santa Maria da Porta; 2) incorporar definitivamente na freguesia do Divino Salvador de Paderne os lugares de Sante e Verdelha, que até ao presente eram meeiros de S. Paio de Melgaço e de Paderne, mas civilmente sempre foram e são só de Paderne, tendo o segundo dois fogos e sete habitantes e o primeiro cinco e seis fogos e cento e noventa e cinco habitantes, e rendendo os dois anualmente cerca de quinhentos escudos, ficando os limites entre as duas freguesias, na altura destes lugares, a ser formados por uma linha, a principiar no regato de Sante, nos moinhos de Fojos, ao Coto da Seca, ao norte do Cruzeiro, ao Coto dos Perelros, ao S.º juncho de Balzo, ao caminho que segue do Granja para Souinho, e daí, em linha recta, para o nordeste até à levada da Agua de S. Paio, ficando assim todo o lugar de Sante e Verdelha para Paderne.

3) incorporar definitivamente na freguesia de Alvaredo os lugares de Barbelto, Vilar, Granja, Vilar de Cá, Montarora e Casalão, que eram até agora meeiros de Alvaredo e Paderne, tendo o primeiro seis fogos e doze habitantes, o segundo dois fogos e cinco habitantes, o terceiro dezotto fogos e noventa e cinco habitantes, o quarto um fogo e quatro habitantes, o quinto dois fogos e quatro habitantes, e o sexto um fogo com cinco habitantes, e rendendo todos juntos para o Pároco cerca de quinhentos escudos, ficando a linha divisória das duas freguesias, nesta parte, assim determinada: — parte da Fontinha, caminho da Granja, Poça da Lajinha e daqui em linha recta às Almas de Cubelo e daqui segue o caminho público até à poça da levada;

4) determinar que o Pároco «pro tempore» do Divino Salvador de Paderne itque com o direito de se utilizar do caminho do lugar da Granja para todo e qualquer serviço religioso a exercer na casa de Golães, chamada casa de campo, que actualmente é habitada por Maria Alves, viúva, e sua filha Marcelina Augusta Pires, direito que cessará logo que seja aberto caminho de ca.º, conveniente da dita casa de campo para o seu lugar de Golães. Dentro de seis meses, o Mito Reverendo Arcebispo com os Reverendos Párocos interessados, colocarão marcos bem visíveis nos pontos de referência das linhas divisórias aqui marcadas. Passe pois, instrumentos de sentença, um exemplar

Transportes

(Conclusão)

distância e no chamado fenómeno da justaposição histórica, se pode aplicar em casos nossos conhecidos, de todos os dias. Demos a palavra a Maurice Grigaut: — «A construção dos caminhos de ferro encontra em França múltiplas dificuldades. Principalmente, a moda nova tinha numerosos adversários: — naturalmente, todos aqueles cujos interesses estavam ameaçados, acionistas e pessoal das recovasagens, estalajadeiros de postas, proprietários de transportes fluviais. Também, todos os que criticavam as inovações, os políticos, mesmo habitualmente mais clarividentes, que não acreditavam na utilidade das vias férreas: entre eles, Thiers, que afirmava que os caminhos de ferro não seriam nunca senão brinquedos para os Parisienses; que eles convidam a um país como os Estados Unidos, que não tem estradas e não à França onde o sistema de comunicações melhora de século para século».

Até o sábio Arago afirmava a propósito do túnel de saint-Cloud, com 800 metros de extensão que «as pessoas sujeitas a transpiração seriam encomodadas, ganharia a fluxões do peito, pleurisas... pela passagem do calor ao frio, da escuridão à luz, no referido túnel!!!

(Em pequeno aparte e divagando um pouco, esta faz-nos lembrar uma afirmação, que vimos em letra redonda, que correu o Paiz e na qual se afirmava que portugueses no estrangeiro — recentemente — abalaram o moral... porque... pasmai ohl gentes! se tocou o «Hino da Pátria»!!!

E nós sempre a pensarmos que ele nos dá, quando o escutamos, energia, vigór, alma e ância de fazer mais e melhor! Erros dos nossos conheci-

para cada um dos Reverendos Párocos interessados, que os conservarão nos seus arquivos paroquiais, depois de darem conhecimento ao povo das medidas aqui tomadas.

Bras, dez de dezembro de mil novecentos e quarenta e oito.

António, Arcebispo Primaz

Nada mais se contém na referida sentença, que foi publicada no boletim arcebispoal «Acção Católica» em dezembro findo.

BERNARDO PINTOR

mentos psicológicos que a frase — dita por quem tem responsabilidade profissional — veio esclarecer, ficando desde já a saber que o «Hino Nacional», deve até mesmo ser banido das forças armadas, porque corre o risco de uns empalidecerem, outros chorarem, perderem o moral, enfim, ser o antítese da energia, da alegria de pertencer a uma Pátria! Como é bom recordar o «frisson» sentido quando juramos fidelidade ao Império, frente à Bandeira Nacional, ao som dos acordes da «Portuguesa»! Como sentimos ALMA E MORAL, quando, junto de qualquer força, voluntários que honrosamente somos, ou abatem a espada, ou nos perfilamos em continência, ao som do «Heróis do Mar, Nobre Povo...».

Santo Deus! como nos afastamos, atrás duma ideia!... O leitor, perdoal Ora o que aqui acabamos de expor, mais não representa que umas horas de estudo, de leitura amena na solidão que ora nos cerca, fazendo paralelismo com quadros da vida real e de todos os dias.

Limitamo-nos a folhear as páginas de Grigaut, onde encontramos muito de curioso, de útil, de interessante.

Uma lição sobre transportes-evocação saudosos dos tempos em que os estudamos-divagação aparte de viver de todos os dias, pois nem só de pão vive o homem, como se diz na giria popular. Oxalá nós possamos dizer um dia, como o autor citado no final do capítulo «As comunicações», referindo-se à discussão travada:

«Mais un fait considerable etat survenu: le nouveau mode de transport avait triomphé!»

— «Mas um facto consideravel surgiu: o novo meio de transporte tinha triunfado».

Loduvina
Martins
Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábados.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 15 de Maio de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 25

Arcebispo Primaz Escreve o Director...

NO passado dia dois, teve lugar nesta vila, uma reunião do clero do arciprestado, a que assistiram S. Ex.cia o senhor Arcebispo Dr. Lourenço Insueles, como representante de Sua Ex.cia Rev.ma e o Sr. Dr. João Cabral, da cidade do Porto. Foram estudados assuntos de Acção Católica e Pastoral.

No dia três, pelas onze horas da manhã, chegava a esta vila S. Ex.cia Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz, que vinha dar posse às direcções da Liga Católica.

A santa missa foi celebrada por S. Ex.cia Rev.ma enquanto o Sr. Dr. Lourenço Insueles, ilustre Professor do Seminário de Teologia, fazia a explicação e a leitura.

Como organização mais antiga, daquelas três, todos os Snrs. Lecistas receberam das mãos do Sr. Arcebispo e por intremédio do Sr. Presidente da Direcção, Delegado Escolar, Prof. or Abílio Domingues, os respectivos emblemas.

O venerando Prelado fez uma substanciosa prática ao acto.

De tarde, pelas três e meia, ia realizar-se uma sessão de estudo que se destinava apenas a filia-dos da Acção Católica. Não se fizeram por isso convites, no entanto a casa do teatro, gentilmente cedida para o efeito, pelo nosso querido amigo Sr. Hilário Alves, estava quase repleta.

Foi aberta a sessão, a que se dignou presidir o Sr. Arcebispo, pelo rev. Padre Carlos Vaz, sendo dada em seguida a palavra à Exc.ma Senhora Dra. D. Maria Manuel Pereira, de Penso, muito Digna Presidente da Liga Agrária, que fez durante uns rápidos momentos—tão ligeiros passaram—um formosíssimo discurso, em que S. Ex.cia apelava para um catolicismo prático, vivido e não apenas de fórmulas. Agradou muitíssimo.

A seguir, foi dada a palavra ao ilustre Arcebispo da Sé de Braga, Sr. Dr. Lourenço Insueles, que a todos nos prendeu com a sua palavra fácil e atre-n-te, durante uns quartos de hora.

(Continua na 4.ª página)

Arcebispo Primaz

No passado dia cinco pas-sou mais um aniversário natalício do nosso venerando e amado Pastor.

«A Voz de Melgaço», beija respectuosamente o anel do Seu Prelado, a «Quem satú-da, desejando um sincero Ad multos annos».

Ainda a Lavoura

Não queremos de ma-neira alguma que estas pobres crónicas vão incomo-dar quenquer que seja.

O nosso jornal, desde a primeira hora, que ali-menta, como fazendo parte essencial, do seu estilo de vida, o melhor espirito de colaboração.

E' no nosso ardente desejo colaborar com todos os que podem fazer alguma coisa de grande, ou de útil para a nossa boa a terra.

Por isso, voltamos à questão da Lavoura.

Há verdades que, só quando muito repetidas, se fixam melhor.

Não é certamente o nosso jornal, ainda pequeni-no, que vai receber os trofeus da vitória.

Não os queremos! O que nos interessa é que o país nos oiça e um dia, que não venha longe, nós tenhamos uma Lavoura próspera e digna do Impé-rio.

SSS

A Lavoura, afirmou-se

Publicamos, hoje, singe-la crónica de Angola que um melgacense de cora-ção, nos enviou. Fazemos votos por que os melga-censes dispersos em todos os cantos do mundo der-tem as suas impressões nesta graciosa «caixa de correio».

Também, hoje, inseri-mos uma resposta de Má-rio a «um assinante».

Esta resposta de Mário, nosso sólicito, valioso e in-teligente colaborador, como nos informam, enviou-a em 12 de Abril à redacção do «Notícias de Melgaço» na qual pretendia esclare-cer os leitores do nosso co-lega local acerca de uma «Carta à Redacção» pu-blicada na 4.ª página do

ainda há poucos dias no Parlamento, atravessa grave crise e tem muitas dívidas.

Não temos à mão o Diário das Sessões, mas possuímos o livro do Sr. Eng. Quartim Graça, «Subsídios para uma política agrícola», que nos forne-ce dados interessantes.

A Lavoura do país deve e deve muito. Diz o refe-rido livro:

«Na sessão de treze de Dezembro de 1948 o Sr. Deputado Dr. Figueroa Rego, apresentou os se-guintes números: — Pela Caixa Nacional de Crédito, directamente, a Lavoura utilizou cinquenta e oito mil contos; por inter-médio das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, ses-senta e nove mil contos, ou seja no total de cento e vinte e sete mil contos.

O crédito hipotecário rústico atingiu trezentos e trinta e quatro mil contos. No entanto a sua dívida

(Continua na 3.ª página)

«Notícias de Melgaço» de 10 de abril.

Não somos defensores de polémicas, mormente em ambientes pequenos; mas, por educação, tempera-mento e respeito, nunca fe-chamos as colunas do jor-nal aos nossos colabora-dores.

Indiferentes a tudo, abri-mo-las, portanto, a Mário.

E para vincar bem a nossa dignidade e isenção, inserimos a resposta de Mário, e, em seguida a «Carta à Redacção» que a motivou.

Sem nervos, sem favori-tismos, pomos uma nota em tudo isto: VERDADE e lealdade.

Resposta de Mário

Depois de ter publicado aquele foral da Castro La-boreiro, cópia extraída da grande obra citada, cuja autoridade se não pôde pôr em dúvida, veio a campo «um assinante» do nosso jornal a defender o Sr. A. Freixinho, autor do artigo visado.

Peor a emenda que o soneto, como soi dizer-se. Este assinante, escondido atrás da cobardia do anonimato, diz tais coisas que seja o demo cego, mudo e surdo se a gente compre-ende o que ele pre-tende.

Que o Sr. A. Freixinho colaborou no *Jornal de Monsão* e procurou meter mão em seara alheia, já se viu naquele tempo pelo troco que aqui recebeu. Quanto ao confronto da cópia por mim publicada (cuja exatidão pôde ser verificada na obra donde foi extraída) com o artigo do Sr. A. Freixinho, verifica-se que aquele ilustre colaborador estropiou o

Seja amigo da sua terra!

Assine a «Voz de Melgaço»

texto com o fim de lhe fazer dizer o contrário.

Lamento ter de verifi-car que apareceu «um assinante» que ou é cego ou não vê bem, para dizer que «essa cópia tirada à letra com todos os pontos e vírgulas ainda vem con-firmar mais a veracidade do Sr. A. Freixinho acer-ca de Castro Laboreiro»

Isso de confirmar é o confirmas... Confirma que «um assinante» perdeu uma boa ocasião de estar calado aparecendo a advogar causa alheia (?) sem se identificar pelo nome ou desi-gnativo que nos dê a sua identidade. Isto é que se chama um «sincero cora-ção» «dotado dos mais pu-ros sentimentos», que ati-rra a pedra e esconde a mão...

Lá diz o ditado que pela aragem se vê quem vai na carruagem, e o *advoga-do* mostra ser estranho nas coisas da nos-sa terra.

Se fôr preciso indico as diferenças entre o texto verdadeiro e os extratos feitos pelo Sr. A. Freixi-nho, que são de tal ordem que este senhor diz coisas às avessas da verdade.

Por hoje já basta de ce-rra com tão ruim... *assinan-to*.

O estratagemas que usou desta vez não surtiu efeito.

Mário

P. S. Não pense «um assinante» que me assino de pseudónimo. Quando vier a M.lgaço pergunte pelo Mário e verificará que se trata do nome por que sempre me trataram desde o berço.

M.

Carta à Redacção
Suplico com toda a aten-ção e benevolência ao

(Continua na 2.ª página)

ANUNCIAR EM
«A VOZ DE
MELGAÇO»

É TER A CERTEZA QUE
VENDE MELHOR

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Após copiosas chuvadas, que muito vieram beneficiar a agricultura, fomos flagelados por violentas e frigidíssimas ventanias que causaram bastantes prejuízos nos pomares e vinhedos.

Bate certo o tal ditado que diz: *Em Maio ainda se comem cerejas ao borralho.*
— Quando no dia 23 do mes findo o sr. Horácio Victorino dos Santos Lima, conduzia uma caminheta em direcção a Braga, ao passar pelo local do Rio, freguesia de S. Tomé, concelho de Ponte da Barca, colheu Ana Maria Machado, de 70anos, viuva, doméstica. Conduzida ao Hospital daquela vila, a sinistrada, faleceu pouco depois.

O motorista prestou fiança, e a P.V.T. daquela vila tomou conta da ocorrência. Também na madrugada do passado dia 3 quando a caminheta do sr. José Felix Igrejas seguia pela Estrada Nacional, com destino ao Porto, ao chegar a Penso, devido ao que parece a um curto circuito, incendiou-se. Apesar dos esforços empregados para dominar o incêndio, a caminheta ardeu totalmente.

Pelo Tribunal de Contas, foi condenada a Camara Municipal deste concelho, por em 1946 ter concedido o subsidio de Esc. 1.000\$00 para reconstrução da Residência Paroquial da Vila.
Este caso faz-noa recordar aquela célebre frase do nosso grande Afonso de Albuquerque: *Mal com el rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor del rei...*

— No pretérito dia 24, realizou-se no populoso lugar do Barral a festividade em honra de N.a Sr.a dos Prazeres.

Constou de missa cantada, sermão e procissão. De tarde arraial abrilhantado pela banda dos B. V. M. que agradou plenamente.

— *Festas da Ascensão* — O programa para estas festas é o seguinte:

«Da vespera, arraial na Praça da Republica até ás 21 horas.

No dia, até ás 10 horas missa solene na Igreja Matriz, donde ás 13 horas sairá magestosa procissão, para o local da festa, na qual se incorporarão carros alegóricos, anjos, etc.

Esperamos que os nossos conterrâneos, auxiliarão dentro dos dominios da possível, a comissão a fim de que a festividade seja re-

vestida do maior brilhantismo.

O rev.o Manuel Bento Gomes, pároco de Rouças, solicitou do Sr. Arcebispo, licença para incorporar a imagem de N.a Sr.a da Soledade, na procissão, clamor, que lhe foi concedida nos seguintes termos: «Dispensamos por este ano a observância da nossa portaria de 28 de Maio de 1910, devendo o rev.o pároco, por todo o cuidado em fazer manter na procissão a decência e gravidade, próprias dos actos religiosos».

Vila do Conde 23 de Abril de 1913.

Manuel Arcebispo Primas
(«Correio de Melgaço» N.o 47 de 27 de Abril de 1913)

— Tem estado entre nós uma equipa dos Serviços Cartográficos dos Exerçito Portuguezes.

— Foi ao Porto a Ex.ma Sr.a D. Maria Leonor da Mota Solheiro, a quem desejamos muito boa viagem.

No próximo dia 16 do corrente passa o trigésimo quinto aniversário do falecimento do grande benemérito dr. António Pereira de Sousa, que doou à Misericórdia o asilo do mesmo nome.

— No próximo dia 22 do corrente terá lugar no edificio dos Paços do Concelho a revista de inspecção de cadernetas.

Rouças, 7

Começaram já os trabalhos para a festa de Santa Rita que este ano promete estar mais grandiosa.

Depois do dia da festa, iniciam-se os trabalhos da nova capela, cuja planta foi exposta ao público, com geral agrado.

Há dias faleceu a sr.a Ludovina Lourenço, dos Perses, senhora muito estimada nesta freguesia.

— No dia 26 de Abril, foi baptizado um filhinho do sr. Manuel da Costa, da Carreira, a quem foi posto o nome de José da Costa.

— A vinha foi, há dias, muito importunada com ventos ciclónicos, mas felizmente não houve prejuízos de maior.

— Começamos já a sulatar as videiras e batatais. Estes já receberam as primeiras visitas do escaravelho, que foi re-

cebido com os respectivos cumprimentos de franca hostilidade.

— A festa de Nossa Senhora das Dores de Cavaleiros realiza-se no próximo mês de Junho, a doze.

— Foi ao Porto o nosso bom amigo, sr. Oliveira Salgado, donde já regressou.

— Já está melhor dos seus padecimentos o nosso presado assinante, sr. P. António Esteves, que, há dias, esteve gravemente doente. Folgamos com as melhoras.

Prado, 10

Bem quiséramos iniciar esta correspondência anunciando aos nossos amáveis leitores a inauguração do novo edificio escolar; mas se bem que o mesmo já esteja concluido, não sabemos ainda quando isso será. Quando tor, cá estaremos para dar a noticia, se Deus quiser.

— Regressou de Lisboa a sr.a Esperança Pinheiro de Sousa que ali fôra ser observada no Instituto de Palhavã.

— Da mesma cidade onde se submeteu a melindrosa operação cirúrgica, que felizmente, lhe decorreu com o melhor êxito, regressou a esta freguesia o nosso estimado amigo sr. Luiz Gonçalves, de Santo Amaro.

— Também seguiu para Lisboa, afim de ali receber tratamento adequado, a sr.a Silvia Ferreira, filha do nosso particular amigo sr. José Eugénio Ferreira, exímio industrial de alfaiataria.

Desejamos-lhe rápido e completo restabelecimento.

— Estamos em plena época de lavradas e bacalhau para as mesmas... de grilo. Valha nos Deus, já que os homens nos não dão remédio.

— Peixe fresco também tem sido raro. Raro e caro.

Assim, por exemplo, o chicharro, quando aparece, vendem-no a 7\$00 o quilo.

Sete mil reis!... Brada aos Ceus senhores!

— O celeberrimo «escaravelho» da batateira assentou arraias entre nós e, pelos vistos, já não há diabos que nos livrem dele.

O nosso amigo e parente sr. Ernesto Soares aconselhou-nos um processo que julgamos útil divulgar-lo aos interessados. Esse processo consiste em catar frequentemente os batatais e meter os bicharocos encontrados em garrafas que se terão sempre devidamente rolhadas. Quando estas estiverem cheias, acende-se uma fogueira e faz-se-lhes o competente *auto de fé*. Como veem é prático e económico.

— Na sua residencia da Corredoura, faleceu no pretérito dia 6 o sr. Maximiano Soares Calheiros, abastado e considerado proprietário desta freguesia.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento, e da residência do finado até ao cemitério local organizaram-se vários turnos.

Tomou a chave do ataud de o sr. Alvaro Augusto Domingues e dirigiu o préstito o sr. Alvaro da Cunha.

O saudoso extinto que contava 74 anos, era casado com a sr.a D. Flávia da Conceição Cunha Soto Maior e pai das Meninas Maria da Paz, e Magnifica da Conceição Soares Calheiros, a quem, bem como à demais família, enviamos sentidos pésames.

— Cumprimentamos nesta freguesia o nosso querido amigo sr. Pedro Manuel Rodrigues Ferreira, de Alvaredo, e distinto motorista na cidade de Lisboa. — C.

Escreve o Director

(Continuação da 1.ª pág.)

nosso muito digno Director, um cantinho no illustre Semanário que tão dignamente dirige e eu sou com toda a honra assinante — afim de publicar estas digressivas linhas emanadas dos mais puros sentimentos do meu sincero coração.

É pela segunda vez que nas colunas deste conceituado Semanário, se dão factos repugnantes contra a dignidade e competência de creaturas dignas de mais consideração.

Em um dos números de Janeiro passado, foi atingido o sr. Ferreira dos Santos, classificando o *Sivis pacem para bellum* de entulho, quando ele era um dos artigos mais importantes na imprensa Melgacense. Ultimamente, ao ler o «Noticias de Mel-

(Continuação da 3.ª pág.)

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza, Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transacções.

ANGOLA

Paraiso do caçador de imagens

Desde a paisagem ao tipo humano, da cena de caça à arte gentílica, que variedade e riqueza de assuntos se deparam ao fotógrafo em Angola.

Na paisagem contrastam o belo grandioso e o pitoresco delicado.

As quedas do Duque de Bragança, quadro heroico do turismo de Angola, não carecem de apresentação.

Muito para o sul, em Mavinga, quem souber vencer a distância — inacessível aos meios rápidos de transporte — descobrirá as quedas do rio Lomba, apontamento lírico, quadra popular da corografia de Angola.

Escondidas na vastidão do espaço angolano quantas belezas, como esta, guardam ainda o seu mistério!

Que dizer das possibilidades artísticas na fotografia de tipos humanos, tão numerosos e tão diferentes.

Bastaria simplesmente colher imagens de peneadas para a galeria se tornar quase infinita.

É certo que a aproximação das obscuras portadoras de tais obras primas, os aromas são duma barbaridade autêntica mas, na fotografia, essa desvalorização não conta.

Algumas construções capilares não dispensam o sebo em profusão de mistura com barro vermelho, noutras o óleo de palma substitui a brilhantina como aglutinante.

A fotografia de animais selvagens, e ssa então, constitui verdadeiro desporto tanto ou mais difícil e arriscado que a própria caça.

Fixar a imagem, em vida, da manada, do grupo ou do animal isolado, é trabalhoso e por vezes empolgante.

Tudo se conjuga para dificultar o êxito. Uma boa fotografia é mesmo caso raro.

Utilizando teleobjectivas conseguem-se mais facilmente resultados satisfatórios; mas não se julgue que basta ir para o mato munido de óptima aparelhagem e de muito boa vontade, para se fotografarem animais.

O mais difícil é encontrá-los. Depois há que ter em conta que nem todos são inofensivos e embora

empregando teleobjectiva, a aproximação, mínima, indispensável, coloca, por vezes, o operador dentro do terreno de jurisdição e se pela frente temos uma fera...

Um caso passado no Cuando, a 80 km. de Mavinga — sede da Circunscrição:

O local onde se operava é conhecido por Chitenge, planície imensa sem outro acesso senão o da travessia de matas onde não há sequer «picadas» — caminhos transitáveis por carros — nem trilhos.

A caça abunda. Manadas de gnus, zebras, songues, gungas; malancas e pequenos antílopes e em grupos e isolados; rinocerontes e, naturalmente, o leão.

Localizado, certa manhã, macho adulto sobre o corpo de uma das zebras que havia sido abatida na véspera — a pele de zebra é despojo tentador — avançamos, imediatamente, de carro, para filmar.

A cerca de cem metros, à vista do grupo, fez-se a primeira cena com teleobjectiva.

O leão devorava a zebra quando avistou o carro e não mais deixou de lutar a, certamente para ele, estranha aparição.

O carro aproximou-se então a cerca de 20 m. do leão. Fez-se outra cena. Terminada ela e quando se esperava que a fera acabasse por fugir, esta, em salto, venceu uns dez metros na nossa direcção.

Foi, porém, atingida no ar por um tiro que, embora a não derrubasse, lhe cortou o impeto, lançando se o animal noutro magnífico salto, agora nitidamente em fuga. Neste segundo pulo foi atingido novamente e, ao tocar no chão, já não eram de recear os seus pequenos arcos convulsivos. Morreu segundos depois.

A fotografia de objectos gentílicos, além do atractivo dos motivos, em si, é tarefa que se impõe como recolha documental de peças que se vão tornando raras, especialmente as autênticas.

As antigas esculturas da Lunda — por exemplo — ca-deiras de soba, mascaradas e bustos, são, sem favor, obras de arte.

Quando, ao folhearmos

«Soreca»

«Soreca» é o nome do jornal de propaganda da «Fábrica Soreca» e que teve a gentileza de nos oferecer alguns bilhetes do seu próximo «Concurso Infantil Soreca».

Muito agradecidos.

Ainda a Lavoura

(Continuação da 1.ª pág.)

sobe a bastantes centenas de milhares de contos, o que preocupa e com toda a razão as esferas da classe agrícola.

§ § §

Registamos no nosso jornal, a opinião conceituadíssima do antigo Professor da cadeira de Sociologia do Seminário Maior, de Braga, e certamente a maior autoridade do Minho em assuntos de sociologia agrícola.

Diz o Sr. Padre Domingos Basto na Ordem de 7/5/1949:

«O que fica exposto é apenas um resumo do muito que se podia dizer sobre as causas da enorme crise agrícola que o país atravessa. Junte-se-lhe ainda o sistema de fiscalização e caça à multa que se aplica às nossas aldeias, consideradas terras de turismo, sujeitas aos regulamentos da cidade com cães de guarda, carros de lavoura, etc. e diga-se se na verdade ainda dá vontade de em tais condições exercer a profissão agrícola.»

Gostamos desta opinião autorizadíssima. Tem os de olhar pela Lavoura.

qualquer revista ilustrada portuguesa, nos lembramos de tudo isto e observamos a monotonia da documentação fotográfica, temos pena que os assuntos africanos não ocupem aí o lugar que merecem pelo seu ineditismo e até porque a propaganda sugestiva da nossa África não deverá ser indiferente ao sentido português das empresas editoras.

Temos pena, mas não perdemos a esperança.

A Serra da PENEDA

I

Quem metódica e atenciosamente tiver presenciado a rede orográfica portuguesa haverá tido ocasião de encontrar, entre Minho e Lima, a serra mais setentrional de Portugal, como por assim dizer, o setentrional farol da Terra de Santa Maria, a nossa terra muito amada: a Peneda. Se passarmos ainda que velozmente os olhos pelas grandes obras dos nossos homens imortais, decididos e inquebrantáveis — notaremos que a Peneda, a minha e a vossa serra também, Melgacenses, tem aproximadamente uma altitude de 1.372,7 metros; e se mais curiosos nos dirigirmos com vontade de saber, o que não faz mal a ninguém, para os quadros comparativos, suor de trabalho exaustivos de tantos vultos nacionais, deparamos com a serra da Peneda em sétimo lugar, entre os maiores relevos portugueses, atendendo, é

claro, a escala descendente.

Como é de perfeito conhecimento de todos ou quase todos a Peneda fica situada no término do concelho dos Arcos de Val-de-Vez com os seus picos mais elevados, quais dentes de serra tocando a abóbada celeste e perfurando as densas nuvens, ora brancas como algodão em rama, ora ennegrecidas como os carvões que já foram brasa, contudo, a serra não é somente aquele fraguado que se alcança a léguas de distância, mas toda a região que se estende até às margens do rio Mouro.

Da doutrina exposta se conclue lógica e praticamente que o concelho de Melgaço, esta terra bendita que nos serviu de berço quando um dia aparcemos neste mundo e nos abre, agora, a sua crusta árvel para dela podermos viver, desafogadamente, ocupa a maior parte da Peneda com os melhores baldios.

Nas ladeiras e sopé da Peneda assentam, debruçadas sobre o Mouro como o pescador espreitando as trutas, algumas freguesias melgacenses como Gave, Parada de Monte, Lamas de Mouro e Castro Laboreiro que se estendem pelas suas Veredadas até aos cumes mais elevados da Peneda, onde, no Inverno, o estenol nível atroia em algumas partes a vida humana e a impossibilita noutra.

Escreve o

Director

(Continuação da 2.ª pág.)

gaço» de 27 de Março findo, deparei com os «Serões da nossa terra» onde era classificado de aldrabices um artigo assinado pelo sr. A. Freixinho.

Não conheço pessoalmente o sr. A. Freixinho, apenas tenho acompanhado a sua colaboração no «Jornal de Monção» e ultimamente no «Notícias de Melgaço».

Depois de confrontar o artigo do sr. A. Freixinho, com o texto — ou cópia — apresentada nos «Serões da Nossa Terra», Verifiquei, que essa cópia, tirada à letra com todos os pontos e vírgulas, ainda vem confirmar mais a veracidade do sr. A. Freixinho acerca de Castro Laboreiro.

Se por acaso temos ódio rancoroso contra o nosso semelhante, devemos ter mais senso comum, mais moralidade, e, sobretudo, mais conhecimentos próprios.

Portanto, foi este o motivo que me impulsionou a suplicar um cantinho neste nosso Semanário, pelo qual, e por todas as atenções prestadas, muitíssimo obrigado a todos.

Sendo assim, nós que somos Melgacenses e disso nos orgulhamos, não podemos, de maneira alguma olvidar as terras da Peneda, visitadas no decorrer metronómico do ano, sobretudo no época da grandiosa romaria da Senhora da Peneda de que mais tarde nos ocupamos, por muitos amigos do turismo que, seduzidos pelos encantos sobre naturais e panoramas incomparáveis traçados com linhas soberbas e artísticas, se prendem a elas de tal maneira que jamais as esqueçam e a deixam abandonado, não, talvez — sei lá — como alguns derrotistas que andam por aí, dispersos, com a capa de bairristas.

Perante tais afirmações podemos concluir, sem hesitações, que a serra da Peneda não é pertença somente do vizinho concelho dos Arcos de Valdevez, mas também é do nosso concelho de Melgaço: é do seu fértil e profundo solo que a maior parte dos Melgacenses tira o sustento que lhe ajuda a passar os dias desta vida atribulada; é dos seus cumes que descem as águas cristalinas, aos borbulhões, por gargantas e desfiladeiros cavados profundamente, águas que desviadas do seu percurso por represas, vem fertilizar os campos melgacenses e matar a sede a tantos animais que, subjugados, mourejam ao lado do lavrador — enim é da Peneda que vive uma grande parte do povo de Melgaço. Nós também somos daqueles que não podemos viver sem os recursos da Peneda. Destrá-la, portanto, no esquecimento, seria uma grave e indiscutível ingratidão. Ela é o nosso sangue.

Jäger

Um Assinante

Arcebispo Primaz

(Continuação da 1.ª pág.)

No final S. Ex.ª Rev.ma congratulou-se com esta reunião, louvando o espírito de fé e de trabalho do nosso ilustre Professorado e Liga Agrária e a todos deu a sua bênção.

Na mesa da Presidencia, estavam, à direita de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo, os Snrs. Dr. Lourenço Insueles, Professor Manuel de Pinho, muito Digno Administrador do Concelho e Senhora D. Maria Luiza Esteves, muito digna Presidente da Liga Escolar Femenina. À esquerda, os Snrs. Dr. Júlio Esteves, Dr.ª D. Maria Manuel Pereira e Dona Maria do Rosário.

No final da sessão, o venerando Prelado recebeu uma Comissão de paroquianos da Gave, que, acompanhados pelo Rev. P. José Marques, veio agradecer a atenção com que, há dias, foi recebida no Paço, quando ali se dirigiu, a pedir um novo párcio.

E vinha também informar da boa vontade com que os paroquianos da Gave iam acabar as obras da sua residência, no mais curto espaço de tempo.

Depois S. Ex.ª Rev.ma seguiu para a freguesia de Prado, onde visitou os terrenos, em que vai ser erguida a nova casa de residência, e que muito apreciou, louvando o rev. Pároco, Comissão e todo povo.

Sua Ex.ª Rev.ma passou depois por São Martinho de Alvaredo, onde pôde constatar o bom andamento das obras daquella residência, para a qual o bom povo contribuiu com cerca de oitenta contos, adquirindo também uma cêrca, para passal.

E assim terminou um lindo dia de trabalho em Melgaço, a que veio, uma vez mais, associar-se o nosso venerando Pastor. A grande sessão solene, a que se espera assista Sua Ex.ª o Sr. Bispo de Tuy Seminario Maior daquela cidade, ficou adiada para mais tarde possivelmente para Novembro.

N. da R. — Por lapso de informação, o autor da crónica desta festa, na passada quinzena, incluiu na lista dos Snrs. oradores da sessão de estudo, o



XLII Vila de Melgaço

AINDA O SEU CRUZEIRO PAROQUIAL E MA'S VELHARIAS

Há ocasiões na vida em que a gente tem tanto que fazer que não sabe por onde há-de começar.

Com este artigo completam-se três dúzias e meia, o que parece muito e não passa de um punhado de rebos para o projectado edificio, uma monografia da nossa terra.

Muito material espera ser trabalhado, mas nem sempre os artistas correspondem às encomendas.

Se há quem presta esclarecimentos rápidos, há quem não liga meta a estas coisas.

O que por vezes me dá certa animação é verificar que ainda há pessoas apaixonadas, como eu, pelas coisas da nossa terra vistas na sua projecção histórica.

Pois foi o que se passou há dias, em Monção. Um amigo, que me pediu para não publicar o seu nome (eu queria publicar o nome de todos estes amigos), dirigiu-se-me nestes termos: quando passar por Melgaço vá a minha casa que lhe quero mostrar onde ficava o tal cruzeiro de que vem falando no jornal.

Eu não sabia onde era a casa. Dadas as indicações precisas prometi passar por lá. O prometido é devido e lá passei daí por dias.

Esse amigo deu-me indicações preciosas para sabermos onde ficava o cruzeiro Poderíamos, com diferença menos de metro, identificar o lugar onde esteve, não na altura a que me referi, mas depois de mudado para fora da proximidade do tal párcio.

A vila de Melgaço foi bastante modificada na sua estrutura no século passado e no presente. Muitos edificios foram demolidos e outros vieram substituí-los. Foram abertas várias artérias e demolidas quase todas as muralhas que no século dezolto ainda estavam todas em pé.

Eu, répto, conheço mal a topografia da vila de Melgaço, tanto no presente como no passado, mas do pouco que sei alguma coisa vou dizer. Falo com acerto ou sem ele? As intenções são boas. Apareçam mais amigos a ajudar e tudo irá para o seu lugar para transmitirmos aos vindouros a história da nossa terra.

Agradeço deste lugar todas as indicações recebidas e desde já as que venha a receber. Todos pela nossa terra.

A vila de Melgaço tinha o seu castelo com a altanelra

nome do nosso querido Amigo, Snr. Delegado Escolar, o que não estava previsto, falta aliás involuntária, de que pedimos muita desculpa.

torre de menagem que ainda admittamos em nossos dias e a fortificação adjacente restaurad. há anos pelos Monumentos Nacionais. Junto deste castelo formou-se a vila que cedo foi cercada de muralhas de que restam ainda alguns trechos. Contra a demolição de parte da muralha me insurgi em 1931 no «Noticias de Melgaço, onde comecei a escrever para público.

Destas muralhas deve haver aí muito quem se lembre. Cercavam a vila velha, o recinto que compreendia os prédios circundados pela avenida nova aberta em semicírculo pelo norte do castelo, pelo largo frente à Câmara e da qual a fechar pela rua que segue por trás da Matriz. Isto aproximadamente. Ali onde está principiado o coreto da música havia um poço de água para abastecimento da vila e a comunicação para lá era protegida por um ângulo agudo de muralhas.

Assim era no século dezaseis. A vila de Melgaço era um meio comercial, como se vê do foral de Afonso Henriques, que deve datar de 1183 e não 1181 como até agora se tem dito.

E natural que tivesse o seu campo de feira, a dentro dos muros, como nos vem a indicar mais tarde o campo da feira de fora.

Disse eu aqui de uma vez que Santa Maria do Campo devia ser nos arrabaldes da vila, em contraposição a Santa Maria da Porta assim chamada por estar junto a uma das portas da vila.

Reconsiderando no caso, atendendo a que parece ser a Misericórdia a antiga Igreja de Santa Maria do Campo, e que a Misericórdia ficava dentro das muralhas, sou levado a crer que essa antiga Igreja se chamava assim por estar no campo da feira que seria junto dela. Parece que ainda há uma rua do Campo ali perto da Misericórdia.

A povoação desenvolveu-se sendo pequeno o espaço adentro das muralhas para a conter. Acontecia, também, que a vila tinha terreno em declive tudo em volta menos pela parte donde fica a Praça da República.

Daqui resultaram dois factores: a povoação estendeu-se para esse lado, por ser terreno mais propício, e as autoridades alargaram a fortificação por ser o flanco mais perigoso em caso de guerra.

Construiu-se então o que em técnica militar se chamava uma Obra córnea, espécie de quadrilátero murado encostado à vila tendo nos dois ângulos opostos seus baluartes.

Adentro desta obra córnea foram crescendo as construções, e ficava também ali o Campo da feira de fora, onde havia mais largueza do que dentro da vila velha.

Não se sei alguém terá chamado vila nova a esta parte

NAS PRIMEIRAS LINHAS...

Registmos no nosso país, alguns acontecimentos de grande relevo, durante estas últimas semanas.

— A concentração dos Lavradores católicos na cidade de Coimbra, para estudo dos seus grandes problemas, sob a alta direcção do Snr. Engenheiro Carlos Alves, ilustre Professor duma das Faculdades da Capital e agora mais recentemente no Porto, a Semana Social Católica, de projecção verdadeiramente nacional.

Ali vieram, de dois a oito de Maio grandes nomes nos domínios da cultura portuguesa: — lentes das Universidades do Porto e Coimbra. Professores de Seminários, sociólogos, escritores, etc., para estudarem, no nosso país, o grande problema do trabalho, à luz das Encíclicas.

Trabalho de menores; de crianças; de homens; a sua duração; o salário; o direito ao trabalho; os doentes e o trabalho; os trabalhadores e a gerência da empresa, etc. etc.

Tudo o que a sociologia mais actual apresenta como solução, ali foi tratado e como dizemos por um notável grupo de homens de ciência.

A última sessão foi presidida pelo Emittissimo Cardeal Fretiarca.

EM ESPANHA

Vai alto, neste país o entusiasmo pelas grandes

da povoação constituída pelos prédios da actual Praça da República e os demais que ficam desde a rua que vai do Rio do Porto para o lado da Calçada Nesse campo da feira de fora, ali por onde esteve o coreto há anos prédio à beira do qual mora o meu amigo e motorista António Ferrador, houve uma capela dedicada a Santo António, à qual me referirei brevemente.

Final este já vai longo, mais do que eu queria. Para terminar devo, então, dizer que o tal cruzeiro paroquial ficava nas proximidades do chafariz ao cimo da Praça da República. Isto melhor se compreenderá com gráficos, que um dia se venham a publicar, sobre plantas da vila feitas em várias datas e existentes em várias estancias.

Quero ainda lembrar que o campo da feira de fora, depois de ser devidamente modernizado, se chamou no século passado Praça do Comércio.

BERNARDO PINTOR

P. S. — O artigo passado, devido a gralha, saiu numerado XI em vez de XII. Aos meus leitores da vila de Melgaço agradeço os esclarecimentos que julguem oportunos sobre os assuntos tocados, a que lhes terei a devida justiça.

estas festas da Juventude Católica, que vão realizar-se no próximo mes de Outubro, em Madrid.

Começaram já os preparativos.

Tocou a reunir o venerando Primaz da Espanha, Cardeal de Toledo.

No balanço formosíssimo das actividades, encontramos 7.000 mártires na guerra civil, e 4.000 seminaristas ou já sacerdotes, que saíram das suas fileiras.

Tenta contar a grande peregrinação de rapazes a Saragoça, a Nossa Senhora do Pilar tão impressionante, dum total de 20.000 e a recente a São Tiago de Compostela, no ano findo, a que assistiu o nosso Director, com a Delegação portuguesa, encontrando-se rapazes de todos os países, desde a América, à Índia-China.

Ali estiveram para cima de 75.000 filiados nos organismos da A. Católica.

JOSÉ MOJICA

Era um dos azes dos teatros americanos e deu o seu brilho dos cenários e as suas riquezas, a pobreza dum convento Franciscano. Hoje é um humilde frade.

Depois de muitos pedidos seguiu agora Frei José Mojica para a cidade do cinema norte-americano e ali vai trabalhar em filmes religiosos, aplicando os seus honoriários em obras de assistência social da sua ordem.

A Fátima

No passado domingo, em carro da nossa praça, dirigiram-se a Fátima, percorrendo várias terras do país, os srs. P. Manuel Domingues, José Custódio Domingues, António Domingues e o nosso rev. do párcio, sr. P. Justino Domingues.

Decoraram-se alguns dias em Lisboa.

Loduvina

Martins

Dentista

Consultas em Monção

B. P. todas as Sextas e Sábados